

***Rîter, Frouwe e Got em Der Arme Heinrich* de Hartmann Von Aue – Idealização Literária da Sociedade na Baixa Idade Média Germanófono**

Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Júnior
Departamento de Letras/ UFRJ
alvabrag@vento.com.br

Resumo

A Literatura enquanto manifestação estética dentro de determinado período histórico contribui para a apreensão, ou pelo menos tentativa, de uma conjuntura sócio-cultural. Partindo dessa premissa, a Baixa Idade Média, mais especificamente, o século XII e as regiões de língua alemã do Sacro Império Romano Germânico, apresentam um conjunto de influxos culturais, moldados pela arte da palavra, que refletem mudanças e tendências de então. O romance cavaleiresco, de procedência do norte da França, encontrou em Hartmann von Aue, poeta e ministerial da corte de um senhor feudal alamânico, um de seus maiores expoentes. Sua visão de mundo centrada no fazer literário da corte apóia-se, do mesmo modo, em uma vertente condizente com o pensamento da Igreja Romana. Colocando o exemplo do cavaleiro, que preferiu o mundo em detrimento da observância das regras de sua classe, Hartmann ensina aos homens de armas seu lugar e comportamento ideal dentro da sociedade feudal. Ao retratar uma jovem serviçal de onze anos como modelo de vida de mulher, ele a concebe exatamente como requeriam os padrões morais de uma coletividade de voz eminentemente masculina. A figura de Deus surge, então, como instância decisória, que concede aos dois na Terra a felicidade de uma vida venturosa, onde o guerreiro e a dama se completam sobre Sua proteção, configurando uma representação ideal de papéis e classes sociais.

Palavras-Chave: Romance Cavaleiresco, Mulher, Hartmann von Aue

Abstract

Literature, while aesthetical manifestation inside certain historical period, contributes to the apprehension, or at least an attempt to it, of a socio-cultural conjuncture. From this premise on, the Low Middle Ages, more specifically the XII century and the German speaking regions of the **Heiliges römisches Reich deutscher Nation**, present us an amount of cultural influxes, shaped by the art of the word, which reflect changes and tendencies of that time. The novel of chivalry, coming from the north of France, found in Hartmann von Aue, poet and court's ministerial of an Alamanic feudal lord, one of its greatest exponents. His vision on the world, focused on the literary doing of the court, bases itself, in the same manner, on a paradigmatic point of view, according to the ideas of the Roman Church. By showing a knight, who preferred the world to the observance of the rules of his social class, Hartmann teach the men of arms their places and ideal behaviour inside the feudal society. By describing an eleven years old young servant as model of a woman's life, he pictures her exactly as required by the moral patterns of a collectivity with a highly male speech. The figure of God emerges then as the instance of decision, which allows both characters the felicity of a fortunate life on earth, where the warrior and the lady join themselves under His protection, presenting us an ideal representation of roles and social classes.

Keywords: Novel of chivalry, Women, Hartmann von Aue

Se a obra de Georges Duby, **O cavaleiro, a mulher e o padre** remete o leitor às questões ligadas ao casamento na França feudal, nosso trabalho tenciona trazer à luz elementos que possibilitem uma melhor compreensão do fazer literário em terras germanófonas, em especial no tocante aos pontos convergentes entre vida ideal e representação da realidade através da arte da palavra. Para tanto, julgamos conveniente uma apropriação e reelaboração do título da obra do historiador francês.

A Baixa Idade Média, no que tange à boa parte das literaturas europeias em vernáculo, verá surgir a partir do século XII um tipo de produção literária que refletirá em muito uma classe social privilegiada no ápice do sistema feudal e em cujo centro se verá representada.

Desde a época dos reis francos e de Carlos Magno já se distinguia o importante papel de especiais soldados a cavalo, que serviam de sustentáculo militar à nobreza dirigente. Esses homens, escolhidos por sua perícia no manejo das armas e lealdade ao seu senhor, comporão paulatinamente o cerne da futura *ordo equestris*, i.e., da cavalaria medieval.

Dentro do Império Alemão, mais especificamente a partir da dinastia dos Hohenstaufen (1138-1254) e seguindo o movimento trovadoresco oriundo da Provença, reúnem-se ao redor das cortes da nobreza cantores, poetas e instrumentistas, para proclamarem esteticamente o *Minnesang*, o “canto do amor” endereçado à jovens da corte – *hohe minne* – ou *a posteriori* às moças simples – *niedere minne* -. Paralelamente a essa manifestação lírica, sob a crescente importância da cavalaria como mantenedora, dilatadora e espelho da nobreza e de seus códigos comportamentais, onde a honra, o amor e a fidelidade são os conceitos norteadores de suas vidas, escrevem-se romances sobre as aventuras de Rolando, Arthur e de outros exemplares cavaleiros, em alemão *Ritter*. Em terras germânicas, Hartmann von Aue (+/-1170 - +/-1210-1220) destacou-se pela qualidade de sua produção em *Minnesang*, aproximadamente 60 canções e pelos seus quatro romances, **Erec**, **Iwein**, **Gregorius auf dem Steine** e **Der arme Heinrich** (O pobre Henrique). Esta última obra, cremos, apresenta-nos o cavaleiro redimido pelo amor de Cristo, simbolizando a união perfeita do homem d’armas ao homem de espírito.

Como representante dos *bellatores* e posteriormente imbuído de traços de um *orator*, se seguimos a conhecida divisão da sociedade feudal proposta por Adalberón de Laon, cabia ao cavaleiro a defesa e a propagação de todo um sistema de pensar e agir, que no século XII conformará o modelo estético de preferência por parte daqueles que sentiam justificadas nas aventuras de cavaleiros heróis sua própria existência.

Os romances de cavalaria em médio-alto-alemão, a partir da segunda metade do século XII até o terceiro quarto da centúria posterior, veiculam em seus textos o *modus cogitandi* e o *modus faciendi* da alta nobreza feudal germânica. Mais especificamente, a partir do século XII, em virtude do enriquecimento das cortes proveniente das Cruzadas, do desenvolvimento e afirmação da escolástica como sistema propedêutico das incipientes universidades de então e do fenômeno do trovadorismo, que teve como consequência uma maior divulgação do ideal cortes, criam-se as condições para aquilo que é definido por Charles Homer Haskins como o renascimento do século XII. Assiste-se ao florescimento em terras germânicas de romances de aventuras cavaleirescas e *Der arme Heinrich* funde em si os dois pilares básicos do edifício medieval, quais sejam, as honras na terra granjeadas pelos guerreiros e a benção divina, que reconduz o homem desviado da Verdade ao seio da sociedade cristã.

No romance em versos, Heinrich nos é primeiramente apresentado como um exemplo de cavaleiro, possuidor das qualidades que dele se esperavam: bravura, (*mannesmuot*); fidelidade (*triuwe*); observador da devida medida (*diu mâze*); coração

forte e elevados ideais (*hôher muot*); constância (*staete*), generosidade (*milte*), honra (*êre*) e principalmente a graça de Deus (*gotes hulde*), da qual nunca deveria se afastar e sem a qual ele não poderia viver:

Seu coração tinha abjurado
toda falsidade e torpeza
e também mantinha-se firme no juramento
com **constância** (1) até seu fim.
Sem nenhuma reprovação
eram sua honra e sua vida.
A ele foi dada toda a plenitude
das honras deste mundo.
Ele bem as podia multiplicar
Com as mãos da pura virtude. (v.49-58)
(...)
Ele era o **refúgio dos necessitados** (2),
um escudo para seus parentes,
uma balança equilibrada da benevolência:
A ele era **desconhecido** qualquer **excesso** ou **escassez** (3).
Ele carregava o cansativo fardo
da honra sobre as costas (4).
Ele era a ponte do conselho
e **cantava muito bem o canto do amor**.
Assim ele podia ganhar
o louvor e o apreço do mundo:
ele era cortesmente educado e também sábio. (v. 63-73)

Entretanto, as honras do mundo o conduziram à escolha entre dois caminhos. Instaura-se o *zwîfel*, a dúvida: como *got unde werlt gevallen*, como agradecer a Deus e ao mundo?

Henrique, ao se afastar de Deus, ou seja, ao quebrar o primeiro dos três pilares de sustentação de sua imagem, a saber: Deus, o Rei e a Mulher (dama), não poderia mais encontrar lugar dentro dessa ordem rígida de leis e códigos comportamentais. Além disso, é acometido por uma grave doença, fator que faz com que ele viva isolado de seus antigos companheiros. (Andrade, 2001: 5)

Neste momento, o então orgulhoso cavaleiro transforma-se no pobre homem acometido pela lepra. A entrega aos prazeres terrenos incorre no castigo divino, pois “Cavaleiro que tem fé e não usa de fé e é contrário àqueles que mantêm a fé é como entendimento de homem a quem Deus tem dado a razão e usa de desrazão e de ignorância.” (Llull, 2000: 23). A desrazão e a *stultitia* ocasionaram a ruína moral e física do cavaleiro, abandonado pelo grupo social e que se refugia em uma pequena propriedade, entregando-se aos cuidados do administrador e sua família. Surge a figura feminina, a filha do serviçal, de oito anos, porém com atitudes de *frouwe*: (5)

Seu comportamento era
assim corretamente bondoso.
Não queria nunca de seu senhor
fugir um só pé.
Para o seu bem estar e saudação
ela o servia sempre
com o seu agradável cuidado.
Ela também era tão amável,
que, de tão lindo porte,
pareceria como filha
do imperador. (v. 303-313)

O papel destinado, em linhas gerais, à mulher no mundo medieval ocidental em terras germanófonas é bem similar àquele presente em outras regiões do sul da Europa. Decantada em poemas, as mulheres, as de estirpe nobre, na verdade, prestavam-se especialmente a partir da difusão do casamento regulamentado pela Igreja à progeneração e à educação dos futuros varões. Tal organização da vida feminina era útil para os eclesiásticos e agradava aos nobres, que com a leitura e divulgação das histórias heróicas de cavaleiros e suas façanhas, satisfaziam seu gosto literário pela utilização de seu *modus vivendi* como ideal arquetípico a ser imitado e alcançado pelas gerações posteriores.

A menina, passados três anos, dedicava-se totalmente ao seu senhor, dele não se afastando, como conviria ao ideal feudo-vassálico:

Por seu lado ela corria toda a hora
em sua direção e nunca para outro lugar.
Ela estava sempre a postos.
Ela dirigira seu coração
com bondade puramente infantil
para seu senhor,
de forma que sempre era encontrada
aos pés do senhor.
Com doce aplicação
atendia ao seu senhor. (v. 317-326)

Todavia, a personagem feminina, de ascendência camponesa, através da consciência de seu lugar dentro da sociedade medieval e de seu ato de quase martírio, transforma-se em um plano simbólico na dama nobre. Seu enobrecimento deriva de sua resignação moral e do reconhecimento de seu papel numa sociedade senhorial masculina. Sua beleza física é justificada pela sua perfeição de caráter.

O modelo para o comportamento feminino associava-se à figura de Maria. Se a mãe de Deus sacrificaria sua vida pelo Filho, corresponderia à camponesa dar a vida pelo seu senhor. Ao saber, que Henrique, após uma visita aos médicos de Salerno, fora informado que apenas o sacrifício de uma donzela poderia devolver-lhe a saúde perdida, a jovem sem nome resolve que “vivesse ela o dia seguinte, ela explicitamente sua vida gostaria de entregar pelo seu senhor”. (v. 523-525) Além do mais, como uma intelectual medieval, procura convencer os pais ao apelar para razões práticas e econômicas:

Vós tendes fama e posses:
ou seja, a afeição de meu senhor,
pois ele nunca vos magoou
e também nunca vos reduziu os bens.
A vontade dele dever viver
é para o vosso interesse.
Mas deixemo-lo morrer
e nós nos arruinaremos.
Isso eu quero poupar a nós
com bela sabedoria,
para que nós todos estejamos curados. (v. 614-624)

Nos versos 690 a 735 lemos uma verdadeira profissão de fé a favor da fuga do mundo e das implicações nefastas em nele viver, como se escrito por Bernardo de Clairvaux ou outro prócere da cultura eclesiástica. Consoante o modelo para ela delineado, a jovem prefere seguir a eternidade, pois “Nossa vida e nossa juventude / são um nevoeiro e uma nuvem de pó; / nossa solidez treme como uma folha. / É um infeliz insensato / aquele que recolhe fumaça, / seja mulher ou homem, / aquele que não pode

bem refletir sobre isso / e segue o mundo.” (v. 728-735) Nessas palavras em voz feminina e construído por um homem percebem-se claramente as concepções de um discurso de gênero.

Henrique e a jovem partem então para Salerno, a fim de procederem à operação. Em uma conversa preliminar com a donzela, (v. 1084-1111), o cirurgião lhe diz que retiraria seu coração para ser transplantado no corpo do cavaleiro. Apesar da absoluta segurança na resposta afirmativa da moça em cumprir sua decisão, o pobre Henrique, ao ouvir as sérias advertências do médico e observar a jovem de 11 anos, despida, reflete consigo próprio:

“Tu tens um pensamento tolo,
de que tu sem o consentimento deste
desejas viver um único dia,
contra o que todos são impotentes.
Tu também não sabes bem, o que tu fazes,
já que tu tens certamente que morrer,
que tu esta vida vergonhosa,
que Deus te deu,
não a carregas de boa vontade
e também sobre isso tu não sabes,
se a morte da criança te salvará.
Aquilo que Deus a ti imputou,
deixe tudo acontecer.
Eu não quero ver a morte da criança.” (v. 1251-1264)

Interrompido o início da cirurgia, desamarrada a donzela e pago o médico, a menina brada aos céus como uma germana pagã: “ela bateu em seus seios, / ela se puxou e arrancou-se, / seus brados eram tão plangentes, / que ninguém poderia vê-la / sem que não ocorresse chorar.” (v.1298-1302) Resignado com o seu destino, Henrique parte de volta à propriedade. O cavaleiro atuara; a donzela agira. Agora interviria Deus.

Sobre a égide da Teologia assentava-se a base ideal do edifício do medievo. A Igreja Romana, responsável pelos *clerici*, cujo sinônimo corrente era *litterati*, procurava moldar os padrões de vida desejados conforme sua interpretação dos textos bíblicos. A cultura das cortes feudais, cujo florescimento podemos datar a partir do século XII, trouxe, porém elementos novos, que serviram de ponto de partida para a formação de um novo tipo de representação cultural, palaciana e cavaleiresca, e um novo tipo de “letrado”. Hartmann von Aue, de acordo com os poucos dados de sua vida que possuímos (De Boor, 1977: 119), teria sido ministerial na corte de um senhor alamânico e lá obtivera uma formação escolar. O próprio autor, ao iniciar seu romance **Der arme Heinrich**, nos diz que “um cavaleiro era tão instruído, / que ele nos livros lia, / tudo aquilo que ele lá encontrava escrito.” (v. 01-03) e prossegue, incluindo seu propósito enquanto escritor:

Muito ele olhava
nos mais diferentes livros,
e lá começou a procurar,
se encontraria algo, com o que ele pesadas horas
pudesse tornar mais leves,
e tratava de tais coisas,
de forma que servia a honra de Deus,
e com isso ele poderia
tornar-se agradável aos homens. (v. 06-14)

“Servir a honra de Deus” e “tornar-se agradável aos homens”, eis aqui a junção de objetivos da obra. Portanto, após os descaminhos que quase o levaram à morte, a intercessão divina o reconduziria à vida plena de graças e à felicidade terrena:

então o sagrado Cristo mostrou,
o quanto lhe são caras a fidelidade e a compaixão,
e libertou a ambos
de todo o sofrimento
e o fez imediatamente
puro e completamente saudável. (v. 1382-1387)

A fidelidade, *triuwe*, e a compaixão, *bärmde*, indicam a fusão de qualidades comportamentais ideais para o membro da classe dos *bellatores*: sua vida deveria pautar-se por códigos de respeito ao seu suserano, à dama por ele escolhida para servir e a Deus. A recompensa por sua conversão interna foi a salvação de seu corpo e, por extensão, a da sua alma.

Todavia, como agir com a jovem donzela, que se arriscara a morrer para lhe doar a vida? A necessidade de decidir o seu destino junto à moça impele-o a convocar um conselho, *rât*, comum ao senhor, que precisa da orientação de seus parentes e vassalos:

A vós todos senhores é bem conhecido,
que eu através desta bondosa donzela
tenho novamente minha saúde,
donzela essa que vós aqui vedes estar ao meu lado.
Agora ela está livre de nascimento, como eu sou;
Então todo meu entendimento me aconselha,
que eu a tome por mulher. (v. 1508-1514)

A justificação do casamento passa para o cavaleiro pela observância da linhagem. Com sua postura madura e consciente, a jovem sem nome adquire a legitimação para poder ser unida matrimonialmente ao seu senhor. O fato “real” serve de *referendum* ao enlace de almas, o que agradaria à sociedade e ao Senhor, como reconhece Henrique: “pois eu honra e vida / a ela sou devedor. / Pela benevolência de nosso Senhor / Quero a todos vós pedir, / que vós concordais.” (v. 1519-1523).

A jovem serviçal enobrecera o cavaleiro desviado de sua classe, do mesmo modo que a filha de um senhor feudal permitia a seu cavaleiro escolhido e futuro marido a ascensão social desejada, tirando-o de um séquito e “dotando-o” de prestígio e de terras.

A descrição da vida de Henrique, com seus hábitos e costumes caval(h)ieirescos, afasta-se gradualmente das atitudes idealizadas de um membro da *ordo equestris*, cuja elaboração, em um plano literário, deveria retratar a concepção de mundo da nobreza feudal e os valores imbuídos em sua visão social.

Aos conceitos fundamentais do código dos *Ritter*, a *triuwe* (fidelidade), a *staete* (constância) e a *zuht* (disciplina) associa-se à *minne* (amor cortes), porém em *Der arme Heinrich* a dama não pertence à nobreza, mas sim ao campesinato, razão pela qual de idealização artificial – *minne* – passa-se ao *liebe* por gratidão – ao amor verdadeiro, cuja quase martirização da personagem feminina e resolução de Henrique em não aceitá-la poderiam ser interpretadas como um dos pontos culminantes da obra, que centra na misericórdia divina o sustentáculo para a salvação do protagonista e para o desenlace conciliador.

A redenção do cavaleiro salvo pelo amor, pela sua própria abnegação e por sua conversão interior conformariam o tecido por excelência medieval de fundamentação cristã, referendando por fim uma ordem social, na qual a nobreza feudal, ao reunir para

si atributos oriundos de um passado franco e adaptando-os à mentalidade cristã vigente no século XII, concretizava e justificava no plano estético seu *status* no universo da *Hohes Mittelalter*. Deste modo, o esquema do mundo caval(h)eiresco em **Der arme Heinrich** apresenta, no final do poema, a simbiose entre os valores humanos e divinos, no que estes últimos funcionam como corolário e ápice de sua vida terrena.

Bibliografia

- ANDRADE, Fabiana Rodrigues Soares de. *Análise da figura do cavaleiro em 'Der arme Heinrich'*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2001. Monografia final de Iniciação Científica em Letras Anglo-Germânicas.
- AUE, Hartmann von. *Der arme Heinrich*. Herausgegeben und übersetzt von Helmut de Boor. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1977.
- _____. *O pobre Henrique*. Tradução de Álvaro Alfredo Bragança Júnior. (no prelo).
- BEUTIN, Wolfgang et alii. *História da literatura alemã*. Tradução de Anabela Mendes et alii. Lisboa: Cosmos & Apáginastantas, 1993. v.1.
- DUBY, Georges. *A sociedade cavaleiresca*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 89.
- _____. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII*. Tradução de Paulo Nevês. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *O cavaleiro, a mulher e o padre*. Tradução de G. Cascais Franco. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.
- LEXER, Mathias. *Mittelhochdeutsches Taschenwörterbuch*. 35. Aufl.. Stuttgart: S. Hirzel Verlag, 1979.
- LLULL, Ramon. *O livro da ordem da cavalaria*. Tradução de Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000.
- SOUSA, Daniele Gallindo Gonçalves e. *Convenção social e representação literária: a mulher na literatura em alemão da Baixa Idade Média um exemplo em 'De arme Heinrich', de Hartmann von Aue*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2001. Monografia final de Iniciação Científica em Letras Anglo-Germânicas.
- THEODOR, Erwin. A Alemanha no mundo medieval. In: MONGELLI, Lênia Márcia. (Coord.) *Mudanças e rumos: o ocidente medieval (séculos XI-XIII)*. Cotia: Íbis, 1997.
- WAPNEWSKI, Peter. *Hartmann von Aue*. 3. Auflage. Stuttgart: J. B. Metzlersche Verlagsbuchhandlung, 1967.

Notas:

- (1) *staete*
- (2) *milte*
- (3) *diu mâze*
- (4) *êre*
- (5) termo em médio-alto-alemão que significa “dama”.